



DADOS DA INTERNET NO BRASIL E NO MUNDO

De acordo com pesquisa publicada pelo instituto Ibope/Nielsen, o número de internautas com mais de 16 anos no Brasil era de 73,9 milhões no final de 2011, e seis meses depois atingiu cerca de 82,4 milhões. Em 2003, esse número era de 19 milhões. Os sites de educação e carreiras responderam, no início deste ano, pelo maior número de acessos únicos: 25,8 milhões de usuários (ou 34,9%). A categoria de comunidades, que engloba os sites de redes sociais, fóruns e blogs alcançou 39,3 milhões de usuários brasileiros em agosto de 2010, o que equivale à 53% dos internautas ativos.

Até 2015, 80% dos lares brasileiros poderão dispor de internet, segundo o Comitê Gestor da Internet (CGI.br).

Atualmente, aproximadamente 40% deles estão conectados, um número abaixo dos de padrão europeu, que já ultrapassou a média de 67% (dados do relatório do painel

da Comissão Europeia). Em abril deste ano, o Facebook somou 40 milhões de usuários no Brasil, ante 27 milhões do Orkut e 11 milhões de contas ativas no Twitter, de acordo com o Ibope/Nielsen. A ComScore, consultoria especializada em internet, analisa que apenas o crescimento do Facebook, no Brasil, até fevereiro deste ano, foi em torno de 250%. Já o LinkedIn (rede social de profissionais que soma 150 milhões de usuários no mundo) afirma ter chegado a 4 milhões de usuários no país, 428% de crescimento em um ano. Em todo o mundo esses números de crescimento são menores, pois já se atingiu a estagnação e o crescimento mais lento. Na Alemanha, por exemplo, um dos países da Europa que mais crescem no uso do Facebook, a alta de usuários foi puxada pelas mulheres com mais de 45 anos, que aumentaram em 39%. Todos as outras faixas etárias e de gênero se mantiveram abaixo dos 25%. Bem longe do *boom* brasileiro.

da sua vida pessoal. É uma forma de competir com outras empresas e serviços, se aproveitando do engajamento nas redes sociais que o trabalhador – agora ‘colaborador’ – já teceu a partir dos seus contatos pessoais, que são, então, assimilados pelos patrões”, explica José Dari Krein, pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ele enfatiza que já não é possível deixar a vida individual descolada da profissional. “Antes se trabalhava para viver, hoje se vive para trabalhar;

e os mecanismos de controle sobre os trabalhadores/colaboradores estão ficando mais sofisticados, a ponto dos patrões saberem como seus contratados agem ou pensam, apenas observando sua vida nas redes sociais”.

Duas pesquisas recentes mostram a intensificação da inter-relação entre o profissional e o pessoal. Uma delas, feita por Kelly MacKay, da Universidade de Ryerson, no Canadá, e Christine Vogt, da Universidade Estadual de Michigan, nos EUA, observa que muitos profissionais, mesmo de férias, têm cada vez mais dificuldades de

se desconectar dos seus *gadgets* tecnológicos. Outra, feita por Helena Johnson, da Sociedade Certificada de Fisioterapia da Grã-Bretanha, aponta que é cada vez mais comum que funcionários façam hora extra fora do local de trabalho.

Essa fusão entre vida pessoal e profissional, lembra Krein, se reflete nas chamadas doenças do século XXI, como a depressão, a ansiedade e o estresse. “As pessoas estão buscando formas de lidar com essa fusão que permeia a vida de todos que estão no mercado de trabalho”, conclui.

Enio Rodrigo Barbosa